

METODOLOGIAS PARA A ANÁLISE DE RELAÇÕES DE PODER NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO PLATINO: AS CORRESPONDÊNCIAS DO GENERAL JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES DURANTE A REVOLUÇÃO FEDERALISTA.

METHODOLOGIES FOR THE ANALYSIS OF POWER RELATIONS IN THE PLATINO BORDER SPACE: THE CORRESPONDENCES OF GENERAL JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES DURING THE FEDERALIST REVOLUTION.

ANDRADE, Gustavo Figueira¹
MARTINS, Cyro Porto

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo identificar los potenciales de la correspondencia, así como presentar un enfoque metodológico cuantitativo y cualitativo para el análisis de letras y telegramas, especialmente en relación con las relaciones de poder que permiten comprender el desempeño político de los involucrados y la cultura política de la época. Para esto, utilizaremos las correspondencias activas y pasivas del general João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares), a través de las cuales es posible percibir la presencia de los fuertes lazos y redes de relaciones fronterizas que se articularon durante el período de la Revolución Federalista a fines del siglo XIX. La inspiración para este trabajo proviene de la disertación de Maestría en Historia de Gustavo Andrade y, a partir de la investigación en desarrollo en el doctorado en Historia en el Programa de Posgrado en Historia de la Universidad Federal de Santa María, presentando nuevas fuentes y resultados. Los autores de este texto son parte del Grupo de Investigación de Historia Platina UFSM / CNPq: política, sociedad e instituciones, coordinados por la Prof. Dra. Maria Medianeira Padoin, y conta com el apoyo de la beca CAPES / FAPERGS y PIBIC / CNPq.
Palabras Clave: Correspondencias, Revolución Federalista, Relaciones de Poder, Joca Tavares, Frontera.

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade identificar os potenciais das correspondências, bem como apresentar uma abordagem metodológica quantitativa e qualitativa para análise de cartas e telegramas, especialmente no que tange as relações de poder que permita compreender a atuação política dos envolvidos e da cultura política do período. Para tal utilizaremos as correspondências ativas e passivas do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares), através das quais é possível perceber a presença dos fortes vínculos e redes de relações fronteiriças que foram articuladas durante o período da Revolução Federalista. A inspiração para este trabalho surge a partir da dissertação de Mestrado em história de Gustavo Andrade e a partir das pesquisas realizadas o doutorado em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, apresentando novas fontes e resultados. Ressaltamos que os autores deste texto fazem parte do Grupo de Pesquisa da UFSM/CNPq História Platina: política, sociedade e instituições pela Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira Padoin. Este trabalho foi desenvolvido com apoio de bolsa CAPES/FAPERGS e PIBIC/CNPq.
Palavras-chaves: Correspondências, Revolução Federalista, Relações de Poder, Joca Tavares, Fronteira.

ABSTRACT: This paper is inserted on the field of Political History and aims to identify the potentials of correspondence, as well as to present a quantitative and qualitative methodological approach for the analysis of letters and telegrams, especially related with the power relations built by individuals. For this we are going to use the active and passive correspondences of General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares), that allows realize the presence of power relations amid the bonds and networks of border relations that were articulated during the period of the Revolução Federalista. That was a conflict occurred in southern Brazil in the late nineteenth century and involved a platinum border space, acquiring international contours. This paper presents a version developed during the master's degree and new sources and results from the research under development at the PhD in History at the Graduate Program in History of the Universidade Federal de Santa Maria. We emphasize that the authors of this paper are members of the Research Group of UFSM/CNPq "História Platina: Política, Sociedade e Instituições", guided by Profa. Dra. Maria Medianeira Padoin. This work was developed with support from CAPES/FAPERGS and PIBIC/CNPq scholarship.

Keywords: Correspondence, Federalist Revolution, Power Relations, Joca Tavares, Borderland.

¹ ANDRADE, Gustavo Figueira. Doutorando, Bolsista CAPES/FAPERGS - PPGH/
UFSM,figueirandrade@gmail.com
MARTINS, Cyro Porto, Graduando, Bolsista PIBIC/CNPq – UFSM, cyroporto@gmail.com

Introdução

As transformações ocorridas no âmbito da História Política estiveram associadas a uma ampliação do conceito de política e do poder, para além da esfera do Estado, mas sim a uma compreensão abrangente que dedicou-se a focar nos indivíduos, nos grupos e sua atuação, entendimentos que fazem parte ampliação do entendimento do político (ROSANVALLON, 1995; RÉMOND, 2003) passando a interessar as práticas e representações, o campo simbólico e as culturas políticas (BOURDIEU, 1998; CHARTIER, 1991).

Entender o poder segundo o historiador José d'Assunção Barros, envolve compreender suas inúmeras formas de manifestação “presentes na vida cotidiana, o uso político dos sistemas de representações, os poderes exercidos através da palavra e dos discursos, e assim por diante” (2012, p. 6).

O retorno do interesse pelos indivíduos a partir da década de 1980, no âmbito da História Política como importante elementos para compreender a complexidade dos processos sociais, marcou o interesse pelo entendimento “comportamento social dos membros de determinado segmento social, no caso as elites, as estratégias pessoais, seu contexto sócio relacional e familiar” (BERTRAND, 1999, p. 112). Para essa finalidade, de acordo com Gomes (2000), as correspondências constituem fonte privilegiada, pois possibilitam uma aproximação do pesquisador com as redes de subjetividade do autor, o que não é tão viável quando se utilizam outros tipos de fontes.

O potencial oferecido pelas cartas e telegramas pessoais enquanto fontes de pesquisa em História permitem analisar as tramas das relações de poder social e familiar, do estabelecimento de redes (LANDÉ, 1977), das negociações, dos sujeitos envolvidos, das trocas clientelísticas e estratégias sociais dos indivíduos também dentro das forças armadas, torna possível relacionar o que antes ficava restrito à caserna ao social, entendendo os militares enquanto sujeitos que representam importantes aspectos da cultura, economia e da política de uma sociedade na qual os indivíduos estão (TEIXEIRA, 1995).

A relevância destas fontes para a pesquisa histórica consistem em dupla tarefa, a reconstruir muitas vezes uma quantidade enorme de cartas dispersas e dar-lhe sentido, assim como de sua preservação, uma vez que são documentos que vieram a ser gradualmente substituídos pelos avanços tecnológicos a partir das últimas décadas do século XX. Nesse sentido, as discussões atuais associam o estudo de correspondências pessoais está a um entendimento que as vincula a um contexto mais complexo das crescentes preocupações com a memória (WINTER, 2006, p. 69). Isso tem a ver com o sentimento de uma aceleração e esvaecimento do tempo, causando o que Jeanne Marie Gagnebin chama de um “dever de

memória” (2006, p. 98), no sentido de despertar o interesse por cartas na sociedade atual nos mais diversos níveis: desde o âmbito pessoal, familiar e acadêmico.

As fontes que serão utilizadas neste trabalho consistem nas cartas, telegramas enviadas e recebidas, partes de combates e ordens do dia do General João Nunes da Silva Tavares e sua família durante os anos de 1891 a 1895, período que abrange a Revolução Federalista², e que tem por delimitação espacial a região fronteira do sul do Brasil (Rio Grande do Sul com as Repúblicas do Uruguai e Argentina). Tratam-se de correspondências ativas e passivas e referem-se a personagens familiares, amigos, lideranças políticas e militares do período, bem como possíveis protegidos políticos.

O General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares), nasceu em 1816, na vila de São João Batista do Herval, filho de João da Silva Tavares, Visconde do Serro Alegre e Umbelina Bernarda de Assunção Vieira Nunes, de modo que Joca Tavares era charqueador de profissão e pertencia a uma poderosa família que possuía propriedades rurais na cidade de Bagé e no Uruguai, além de estar ligada a atividade charqueadora na cidade de Pelotas e posteriormente envolvido com estas atividades charqueadoras em Bagé, no final do século XIX. Durante a Monarquia no Brasil, foi importante político em âmbito provincial e local, pertenceu a Guarda Nacional, lutou na Guerra do Paraguai, conflito em destacou-se por comandar o piquete que pôs fim a vida de Francisco Solano López, recebendo o título de Barão do Itaqui. Em 1889, meses antes a Proclamação da República, torna-se republicano e abandona os títulos imperiais. Passou a fazer parte da oposição a Júlio de Castilhos e ao Partido Republicano Rio-grandense desde 1890, esteve envolvido em articulações políticas do período foi um dos principais nomes envolvidos na fundação do Partido Federalista, na cidade de Bagé, colocando-se como oposição ao Partido Republicano Rio-grandense (PRR) de Júlio de Castilhos. Foi vice-governador do Rio Grande do Sul em 1892, vindo a assumir o governo por poucos dias, até ser deposto por um golpe articulado entre militares do Exército e do PRR, período em que se refugia no Uruguai juntamente com outras lideranças federalistas e de onde passa a organizar a invasão do Rio Grande do Sul. Em 1893, durante a Revolução Federalista, desempenhou o comando em chefe oficialmente até 1894, seguiu assessorando o Almirante Saldanha da Gama no comando da Revolução, e após a morte deste, encetou negociações com o governo de José Prudente de Moraes e foi o responsável por assinar um tratado de paz em agosto de 1895, pondo fim ao conflito.

² Conflito que ocorreu no período pós Proclamação da República no Brasil, abrangeu os estados meridionais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, foi uma das mais violentas guerras civis ocorridas no país. A contenda ocorreu em um período de crise econômica e pode ser entendida como um movimento contestatório do modelo político que passou a ser adotado no Rio Grande do Sul.

Dentre os estudos que vem sendo desenvolvidos nos últimos anos, no Rio Grande do Sul, que tem se utilizado das correspondências pessoais como fontes, alguns dos quais, procuraremos apresentar aqueles que abordam temáticas semelhantes, apontando suas contribuições.

Tassiana Saccol (2013) em *Um propagandista da República: política, letras e família na trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil* ao estudar a trajetória, atuação e família de Joaquim Francisco de Assis Brasil, destaca a importância do estudo da família como categoria de análise, ressaltando-a como centro da vida política e social no século XIX, articuladora de estratégias sociais, econômicas, portadora de recursos materiais e imateriais, responsável pela transmissão de valores, além de ser relevante elemento para compreender o processo decisório e os posicionamentos políticos (SACCOL, 2013, p. 48).

Monica Rossato (2014) em *Relações de poder na região fronteira platina: família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins*, Mateus Silva (2015), autor de *Trajetoira e atuação política de Antônio de Souza Netto (1835-1866)* e Pablo Dobke (2015) autor de *Caudilhismo, território e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904)*, são trabalhos contemporâneos, parte das reflexões desenvolvidas no Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM em *História Platina: política, sociedade e instituições*, apresentam importantes aportes para compreender a extensão do poder familiar na zona de fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, abordando as estratégias de poder e as redes de relações destes personagens, ainda que em períodos distintos, permitem compreender a cultura política de uma sociedade fronteira.

Em nossa dissertação de Mestrado, “A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): família, comunicação e fronteira” (ANDRADE, 2017), procurou-se analisar as correspondências pessoais deste personagem, como este chefe militar construiu sua trajetória política e suas relações de poder a partir das suas relações familiares, políticas e militares no período de 1892-1895. Utilizando como fontes suas correspondências pessoais do General Joca Tavares, propôs-se uma abordagem metodológica quantitativa e qualitativa para que fosse possível analisar as correspondências enquanto potenciais fontes para o estudo das elites federalistas.

Alguns dos trabalhos acadêmicos recentes e que trabalham com correspondências, apresentam abordagens metodologicamente análogos para a análise das correspondências. Tratam-se de perspectivas voltadas ao estudo de trajetória de alguns personagens nos primeiros anos da República no Rio Grande do Sul e suas famílias.

Carina Martiny (2018) em “O chefe político dos mais avançados republicanos”: Júlio de Castilhos e o processo de construção da República (1882-1903)” busca no estudo da trajetória deste personagem, entender como ele construiu sua liderança e posição de destaque no Partido Republicano Rio-grandense e o processo da governabilidade n Rio Grande do Sul durante os primórdios da República no Brasil. A autora analisa questões tais como genealogia familiar, relações de parentesco, densidade das correspondências, locais de envio e recebimento das correspondências, distâncias entre as cartas, a quantificação de correspondências ativas e passivas, os bens da família, dentre outras questões.

Débora Classen (2019) em sua tese “Família, guerra, política, negócios e fronteira: Os Antunes Maciel desde o século XVIII aos inícios do século XX”, ao analisar a trajetória pessoal e familiar de Francisco Antunes Maciel, debruça seu enfoque sobre questões envolvendo conflitos fronteiriços, assim como as relações sociais, a engenharia matrimonial e as estratégias deste grupo social, bem como a transmissão do patrimônio material enquanto elementos que permitem entender a atuação enquanto família.

São estudos no âmbito da História Política e tem apresentado relevantes contribuições destes recentes estudos de trajetórias de grupos ou famílias em um período do final do século XIX, estabelecendo um campo de estudos e reflexões acerca das diversas possibilidades metodológicas, principalmente a partir do estudo de correspondências durante o período da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, desenvolvidos por Gustavo Andrade (2017) sua dissertação. Inserido neste campo, procura-se apresentar novas fontes e resultados de novas reflexões para os estudos iniciados no mestrado, a partir das pesquisas desenvolvidas durante o doutorado, este trabalho tem por objetivo apresentar contribuições metodológicas para uma análise de cartas e telegramas, com base em reflexões atuais, apontar os potenciais destas de modo que permita identificar e analisar a presença de relações de poder e assim como compreender a atuação política dos envolvidos e da cultura política do período em análise. Para isso procuraremos responder aos questionamentos de dê conta dos seguintes problemas: Qual o potencial das correspondências para a pesquisa em história? Qual o potencial da metodologia quantitativa e qualitativa? Que tipo de informações pode-se obter a partir desta abordagem metodológica? Como identificar a presença de relações de poder entre os indivíduos envolvidos no pacto epistolar?

A análise quantitativa e qualitativa de correspondências pessoais e seu potencial para pensar as relações de poder

No que tange a utilização direta das correspondências, a utilização de uma abordagem quantitativa e qualitativa para a análise do material, torna possível identificar uma série de informações relevantes para análise de trajetórias políticas, relações de poder entre os personagens envolvidos. Através de uma análise quantitativa das cartas e telegramas, envolve identificar qualidade do suporte e das condições destes documentos, se são ativos e passivos, os principais nomes envolvidos, a frequência, as redes de relações de um personagem e seu grupo, o tipo de informação que circulava por estas correspondências e os tipos relações existentes.

A pesquisa em correspondências também envolvem uma análise da condição em que se encontram os documentos, o que envolve compreender as características e qualidade do suporte e das condições. Escritas em sua maioria em papéis específicos para correspondências, poderiam ser enviadas por pequenos pedaços de papel, ou mesmo pequenos cartões de visita feitos de papelão, ou mesmo serem escritos folhas de cadernos, estão em excelentes condições. Estes documentos revelam as condições culturais de uma sociedade e de um indivíduo e do grupo social a que pertence (LOPES, 2012, p. 320) e através deles é possível perceber questões quanto ao grau de instrução letrada de um indivíduo, as influências culturais em sua formação, condições sociais e econômicas, bem como elementos simbólicos intrínsecos essa prática de corresponder-se, tendo em vista que as correspondências constituem importante fonte para o estudo das elites. Tal entendimento deve-se, especialmente no Brasil do século XIX, um país ainda com grandes parcelas de populações rurais e em um momento histórico em que a alfabetização não se estendia a todos os indivíduos, saber ler e escrever, adquirir papel, tinta, caneta, ou mesmo um lápis, poderia dizer muito sobre o poder aquisitivo dos indivíduos.

Presença de temporalidades distintas por duas questões, a primeira refere-se a grafia diferente, outros sentidos para quem os utiliza, próprios de uma época, diferem muitas vezes do sentido que entendemos no presente, podem ser armadilhas interpretativas, como por exemplo, a utilização de palavras de cunho político envolvem compreensões distintas em diferentes contextos e para os diferentes grupos que se apropriam dela, tal como, a ideia de federalismo entre Castilhistas-Positivistas e para os Liberais Federalistas, poderia diferir quanto as formas de relação das localidades com o centro de poder estadual e nacional (PADOIN, 1999; DOLHNIKOF, 2005; COSTA, 2006; ROSSATO; ANDRADE, 2017; ROUSTON, 2016; REVERBEL, 2018). Por outro lado, enviar e receber cartas envolvem outra noção de

temporalidade, nesse sentido Walnice Nogueira Galvão e Gotlib (2000) esclarece que entre escrever uma carta, enviá-la e recebe-la, evidencia a existência de um hiato de tempo, onde o tempo de quem escreve, não é o mesmo tempo de quem responde, especialmente se formos pensar o envio e recebimento de cartas em que o transporte poderia variar consideravelmente.

O simples ato de corresponder-se permite entender a natureza das relações de poder existentes entre os personagens envolvidos, principalmente devido ao que Angela de Castro Gomes (2004) denomina como sendo um pacto epistolar, ou seja, corresponde a atividade de “receber, ler, responder e guardar cartas” (p. 19). Nesse sentido Teresa Malatian (2013) assevera que o ato de se corresponder envolve desde uma relação de confiança mútua, assim como também é capaz de revelar aspectos relacionais que ultrapassam “trocas dinâmicas com o outro, o interlocutor a quem elas se destinam”, envolvendo diretamente a “credibilidade daquele que recebe a correspondência” (p. 201).

Quanto aos telegramas, representaram significativo avanço nos meios de comunicação do período, permitindo aos indivíduos comunicarem-se em outro ritmo temporal, avanço que beneficiaria muito os revolucionários. Entretanto, a análise quantitativa revela que o número de telegramas enviados e recebidos a partir do território brasileiro é muito menor que o os anos anteriores a invasão do Rio Grande do Sul pelo Exército Libertador federalista em 1893. O que explicaria então a diminuição das comunicações por meio de telégrafos entre 1893 a 1895 entre os federalistas? Para responder a essa questão é preciso compreender a envergadura logística que isso envolve, pois, comunicar-se por telegrama envolvia uma estrutura que durante a Revolução Federalista foi estratégica para ambos os lados da contenda.

Para ser possível enviar um telegrama era necessário o domínio de um ponto, ainda que breve, pois eram aparatos que requeriam uma estrutura, eram estáticos e nem sempre um meio confiável de comunicação. Nesse sentido, considerando que os federalistas não conseguiam manter por muito tempo o domínio sobre certas localidades, devido sua estratégia de guerra de desgaste, aproveitavam para enviar telegramas quando dominavam algumas das estações telegráficas que estavam em condições de transmitir informações, era um meio de comunicação que muitas vezes envolvia a intermediação de dois telegrafistas para enviar e receber os telegramas nas estações, que por sua vez, envolveria a necessidade de uma relação de extrema confiança nesses indivíduos para garantir a segurança da informação. Por tratar-se de um alvo estratégico, os federalistas inutilizavam os trilhos da estrada de ferro, destruíam os postes de telégrafo ou derrubavam pontes para dificultar o trânsito de pessoas e informações durante o conflito. Essa estratégia pode ser observada na carta enviada em 12 de outubro de 1893, da

localidade do Pirai pelo General Joca Tavares ao Tenente Coronel federalista Mateus Collares, na qual ordena

[...] Se tiveres conseguir dinamite, mande estragar a estrada de ferro e qualquer trecho d'onde for possível. Como tenho constantemente recomendado, a linha telegráfica tanto nacional como a linha férrea, devem ser constantemente cortadas, para dificultar as comunicações do inimigo [...] (TAVARES, 1893. Acervo Particular da senhora Yara Maria Botelho Vieira, Bagé, RS. Transcrição de Gustavo F. Andrade, 2019).

Por outro lado, as correspondências também possibilitam identificar questões relacionadas ao espaço utilizado por estes personagens durante o conflito, mas o que tais informações são capazes de revelar? Quanto a origem pode-se observar uma grande quantidade de telegramas enviados de localidades de estações telegráficas do Uruguai, as quais são reveladoras das posições onde estavam os federalistas emigrados e os apoiadores. Muitos destes telegramas eram enviados de estações dos departamentos uruguaio de Rivera, Artigas, Cerro Largo e Montevideú, de onde transmitiam comunicações trocadas com os brasileiros emigrados em Buenos Aires (ANDRADE, 2017). A importância dessa rede de telegramas para articular e comandar os chefes federalistas e suas forças, pode ser evidenciada em comunicação enviada pelo almirante Luis Felipe Saldanha da Gama ao General Joca Tavares, através da qual afirma a este que “Convém estejamos em constante ou, pelo menos, em frequente comunicação. E podemos estar graças a estação telegráfica de Corrales e a esta daqui [...] finalmente passei para S. Eugênio, de onde voltei para aqui, por ser ponto central e que dispõe de estação telegráfica” (ANDRADE, 2017, p. 143).

Algumas destas localidades no Uruguai eram intermediárias entre a comunicação que provinha de Buenos Aires e Montevideú e outras localidades, até as lideranças federalistas que estavam no Brasil. Devido as dificuldades de acessar as estações de telegramas em território brasileiro, o único meio desses telegramas chegarem aos acampamentos e as forças itinerantes dos federalistas em campanha militar no Rio Grande do Sul, era ser enviadas em cartas – muitas das quais cifradas para evitar serem lidas pelo caso tomadas pelo inimigo - através de mensageiros que percorriam os trajetos a cavalo de uma localidade a outra, sujeitos que também deveriam ser de extrema confiança e grandes conhecedores do terreno, de modo a garantir que as mensagens fossem entregues com segurança ao destinatário (ANDRADE, 2017).

Ao identificar as diversas localidades de onde eram enviadas correspondências, evidenciam a capacidade de territorialização do poder por parte dos federalistas em um espaço platino, criando um espaço de poder no espaço platino e estrategicamente utilizado para comandar a revolução. Este pensamento decorre da compreensão de território trazida por

Marcelo Lopes de Souza (1995) de que este conceito deve ser dissociado do Estado, e sim entendido enquanto um espaço construído pela ação humana, passa-se a entendê-lo como construído através das relações de poder, podendo obedecer a temporalidades distintas. Ainda para este autor, o território constitui-se enquanto elemento fundamental para o exercício do poder, capaz de gerar solidariedades, identidades e, ao apropriar-se deste território e conferir sentido a ele, ocorre a territorialização deste espaço pelos indivíduos³.

Tal relação do indivíduo com o espaço, fez parte das reflexões apresentadas em um artigo recente apresentado em coautoria com Pablo Dobke (2015), denominado “Nós federalistas somos os senhores da fronteira: relações sociais de poder e territorialização durante a Revolução Federalista (1893-95) no Rio Grande do Sul” (2015). Neste, foram apresentadas algumas das formas como estes indivíduos poderiam manejar tal espaço a partir de suas redes de relações sociais, mobilizando um espaço que ultrapassava os limites nacionais, estendendo-se pelo interior do Uruguai, especialmente no que tange a territorialização feita pelos federalistas em um espaço fronteiriço. Esta temática foi aprofundada em nossa dissertação de mestrado e a partir das correspondências pessoais do General Joca Tavares é possível compreender a atuação dos indivíduos em um espaço, a dimensão que assume, bem como a articulação das elites federalistas durante a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul (ANDRADE, 2017).

Quanto ao tempo que demoraria uma carta entre remetente e destinatária destas diversas localidades é bastante relativo, está condicionado a diversas questões, dentre elas as cheias dos rios, os acidentes geográficos, a natureza do transporte e a presença do inimigo. Geralmente, pelo fato das cartas analisadas citarem data de envio, de recebimento e de resposta, passa uma noção ao investigador do tempo que envolvia o processo (ANDRADE, 2017). Por outro lado, esse trânsito de cartas e telegramas por um espaço geográfico além das fronteiras nacionais passa uma ideia de movimento, da articulação de uma rede e da mobilização de meios e que envolvia mandar estas correspondências para que não fossem capturadas pelo inimigo. Envolvia também um grande conhecimento do terreno por onde deveriam percorrer entre as cidades/localidades de onde eram enviadas até que os mensageiros encontrassem as localidades onde estariam os acampamentos federalistas em constante movimento.

Ainda quanto a quantificação das correspondências, o material total analisado em nossa dissertação de Mestrado, num total de 369 cartas e os 135 telegramas, pudemos identificar o

³ Tal relação do indivíduo com o espaço, vem sendo objeto de estudos, dentre eles os desenvolvidos a partir de uma perspectiva apresentada por Pablo Dobke (2015), resultado de suas reflexões desenvolvidas no grupo de pesquisa História Platina: política, sociedade e instituições, coordenado pela professora Maria Medianeira Padoin.

número de correspondências enviadas e recebidas, conforme podem ser observadas na tabela 1.

Tabela 1 – Número de Cartas e Telegramas ativos e passivos do General João Nunes da Silva Tavares.

TELEGRAMAS		CARTAS	
1892		1892	
Enviados	4	Enviados	14
Recebidos	91	Recebidos	15
1893		1893	
Enviados	-	Enviados	16
Recebidos	6	Recebidos	39
1894		1894	
Enviados	-	Enviados	30
Recebidos	16	Recebidos	75
1895		1895	
Enviados	2	Enviados	71
Recebidos	16	Recebidos	109
Total de enviadas	06	Total de enviadas	131
Total de recebidas	129	Total de recebidas	238
Total de telegramas	135	Total de cartas	369

Fonte: Andrade, 2017, p. 52.

A partir deste total de correspondências analisadas, foi possível identificar os nomes e as ocupações dos personagens que se correspondiam, estavam lideranças políticas, militares, civis e colaboradores/simpatizantes. Dentre estas, identificamos lideranças políticas, militares, relações familiares, amizades, colaboradores/simpatizantes, legalistas ou federalistas. Dentre as lideranças federalistas militares e políticas, identificamos, como, por exemplo, cartas de Aparício Saraiva, Gumercindo Saraiva, Rafael Cabeda, José Maria Guerreiro Victória, Gaspar Silveira Martins, Marcelino Pina de Albuquerque, bem como a de políticas e familiares, como a de Francisco da Silva Tavares e Joaquim da Silva Tavares. Estes indivíduos pertenciam a um grupo que mais se correspondia com o General Tavares (ANDRADE, 2017, p. 58-59) e não eram meros pontos conectores nesta rede, pelo contrário, trata-se de uma rede coletiva, ou seja, aquelas que estão ligadas a diversos centros e não apenas um, estes personagens eram importantes atores políticos em suas comunidades (ROSSATO, 2014; DOBKE, 2015), possuíam extensas redes de relações e desempenhavam relações de mediação. Para Michel Bertrand, estas redes coletivas são frequentemente construídas no interior de um grupo que tem uma existência anterior a da rede e que serve de apoio para as relações entre os membros da rede” (BERTRAND, 1999, p. 119).

Mas como identificar os vínculos e as possíveis relações entre os membros da rede? As relações existentes entre os missivistas podem ser identificadas através das formas de tratamento pessoal, indicando o grau proximidade entre remetente e destinatário. Para estas correspondências de cunho militar, tais relações podem ser percebidas através de manifestações de apreço, saudações, uso de expressões de cunho mais íntimo, como “amigo”, “compadre”, “parente e amigo”, “velho camarada” por exemplo. Quanto a um tratamento mais formal entre os personagens, torna-se possível de ser identificado quando aquele que escreve se utiliza de pronomes de tratamento tais como, por exemplo, “Excelentíssimo Senhor General Comandante em Chefe do Exército Libertador” ou “Ilustríssimo Senhor General João Nunes da Silva Tavares”, expressam uma certa distância, onde busca-se ser formal, remete ao vínculo profissional. Essa pessoalidade ou a formalidade pode também dizer respeito à maneira como o público e privado eram tratados, o quanto os interesses da Revolução diziam respeito aos seus interesses pessoais (ANDRADE, 2017).

Para compreender a construção dos vínculos, especialmente os pessoais, Michel Bertrand (1999) assevera que a família ocupa relevante posição, uma base de relações que preexistentes a partir da qual os indivíduos criam suas próprias redes pela sua ação individual, vinculadas aos interesses desta família, estariam ligadas por um sentimento de identidade e afinidade e são capazes de influenciar na ação dos indivíduos. Isso contribuiu para que os vínculos entre os indivíduos sejam fortes, especialmente em razão da possibilidade de criar um sentimento de pertencer a um grupo que lhe sirva como base de apoio, capaz de criar solidariedades, suas redes de sociabilidade e estabelecerá seus círculos sociais e que poderiam ser conectadas a partir da presença de mediadores (BERTRAND, 1999, p. 124-126).

Entrementes, para pensar a natureza dos vínculos existentes passa-se a uma análise qualitativa que permite compreender identificar a presença de fenômenos sociais, elementos que possam ter servido como elos, vínculos culturais e políticos entre os envolvidos, práticas ou valores capazes de criar solidariedades que ultrapassam os limites nacionais e as possibilidades que oferecem para pensar as relações de poder dos indivíduos.

Para realizar tal análise, partimos da compreensão trazida por Michel Bertrand (1999), segundo o qual, os vínculos poderiam ser de três tipos. No que diz respeito ao primeiro vínculo, poderia ser de amizade, ou amizade íntima, a qual poderia se dar devido a existência de parentesco ou mesmo devido a existência de laços de compadrio entre os personagens, propiciariam o estabelecimento de relações fortes entre os envolvidos, caracterizadas pela fidelidade, capazes de criar alianças parentais. Um exemplo de tal relação pode ser observado em carta enviada pelo General José Maria Guerreiro Victória ao Coronel Zeca Tavares em 11

de março de 1895, na qual começa sua carta fazendo questão de ressaltar seu vínculo pessoal com este personagem, dizendo: “[...] **Parente e Amigo Coronel Zeca**. Em meu poder vosso ofício de 3 de fevereiro findo que li com atenção [...]” (VICTÓRIA, 1895. Acervo Particular da Família Tavares, Cidade de Bagé, RS. Transcrição realizada por Gustavo Figueira Andrade, 2019, grifo nosso).

Num segundo momento, estariam as ligações criadas a partir de relações profissionais, ou seja, aquelas criadas sem que fosse necessário existir vínculos afetivos entre os indivíduos. A maneira de expressar tal formalidade por ser percebida na carta enviada por Bernardino de Azambuja ao General Tavares de um distrito de Cacimbinhas, atual cidade de Pinheiro Machado, datada de 9 de março de 1895: “**Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor**. Levo ao conhecimento de Vossa Excelência que o Coronel Francisco Vaz, prendeu o major Alfredo, dizendo-me que por ordem do General Guerreiro” (AZAMBUJA, 1895. Acervo Particular da Família Tavares, Cidade de Bagé, RS. Transcrição realizada por Gustavo Figueira Andrade, 2019, grifo nosso).

Por último, estariam as relações horizontais e verticais entre os indivíduos, marcadas pela existência de relações clientelísticas, expressariam uma relação de dependência. Estas tornam-se possíveis de entender a partir da existência de um número maior número de correspondências recebidas do que enviadas pelo General Joca Tavares entre 1892 a 1895, fato que indica para uma atuação enquanto mediador no âmbito de suas redes, realizando a ligação entre grupos distintos, nesse caso em estudo, das diversas lideranças e apoiadores federalistas de diversas localidades, atendendo seus pedidos e emanando ordens (ANDRADE, 2017). A solicitação de favores aos mediadores, criam, segundo Angela de Castro Gomes (2000), “uma confiança depositada em seu destinatário [...] transformando-o em seu protetor”, conformando o que a autora definiu como sendo uma retribuição clientelística podendo ser na esfera pessoal quanto na impessoal (GOMES, 2000, p. 32-33).

Nesse sentido, mediadores seriam os indivíduos que servem como uma ponte entre grupos e subgrupos desta rede, controlando informações, fazendo circular favores, bens ou serviços, de algum modo que lhe proporcione obter vantagens. Tal compreensão não está vinculada a uma noção de mediador que envolva as relações entre os sujeitos e o Estado, na busca por favores ou benefícios dele. Ao contrário, procura compreender uma atuação que remete mais à seu capital imaterial enquanto indivíduo e a utilização deste em sua rede de relações sócias e não apenas restrito ao âmbito das relações com o Estado (BOSSEVAIN, 2001; LEVI, 2000).

A presença de constantes pedidos que lhe eram feitos dentre os diversos assuntos tratados, abrangiam questões desde pedidos de informações, para ajudar a solucionar problemas, recursos de guerra, para mediar as desavenças entre os líderes, e até mesmo dinheiro, e pode ser entendida como sendo de cunho clientelista (GOMES, 2000). Como exemplo desta, cita-se a carta enviada em 1 de novembro de 1893, através da qual o Cônego João Inácio de Bittencourt e Pedro Rodrigues de Borba, ambos membros do Partido Federalista e naturais da cidade de Bagé, escreveram ao General Tavares, na qual passam informações acerca de um indivíduo que foi acusado por tentar envenená-lo, e ao término da carta, colocam-se sob sua proteção: “[...] Garantimos que tendo pleno conhecimento desse moço que veio somente ajudar a defender a nossa causa. Saudamos a Vossa Excelência e sentimos grande prazer em **estarmos debaixo da vossa proteção**. [...]” (ANDRADE, 2017, p. 80, grifo nosso).

Ainda sobre a presença de relações clientelísticas, estes pedidos expressam a existência de “relações assimétricas de poder, comuns no campo da política, a partir do qual um dos termos – o demandante – dirige-se a um interlocutor, por definição ‘poderoso’, que por isso mesmo tem a capacidade e muitas vezes o dever de atendê-lo” (GOMES, 2000, p. 32). Como exemplo, cita-se uma carta enviada a José Bonifácio da Silva Tavares (Zeca Tavares), irmão do General Joca Tavares, por um correligionário do Partido Federalista, Sebastião Teixeira Nunes, através da qual solicita-lhe recursos:

[...] Como ontem sujeite-me a uma operação e acho-me bastante doente, sem recursos de qualidade alguma, nem o menos para **comprar o remédio** de que necessito, nem mesmo para **dar de comer aso meus filhos, venho de novo recorrer ao meu bem feitor e certo que não me abandonará nessa ocasião emprestando-me pela segunda vez 20 mil réis [...]** (Carta de Sebastião Teixeira Nunes a José Bonifácio da Silva Tavares, documentos sem data. Arquivo privado da Senhora Yara Maria Botelho Vieira. Transcrição de Gustavo Figueira Andrade, 2019, grifo nosso).

O clientelismo era uma característica presente em diversos setores da sociedade do século XIX, fazia parte das práticas sociais e da cultura política e, conseqüentemente, também esteve presente nas formas de organização militar do período. Nesse sentido, afirma a historiadora uruguaia Ana Frega (2015), que a prática do clientelismo entre as forças envolvidas em conflitos, especialmente neste espaço fronteiriço platino em que detemos nossa delimitação, era uma prática comum. A autora assevera que durante as guerras, o clientelismo consistia em uma prática política de trocas de favores em relação a seus subordinados e amigos. Tal prática estava associada ao saber reunir e armar homens, mantê-los coesos e garantir apoio a sua causa, principalmente para fazer a guerra fora da esfera do Estado, envolveria o que a autora define como uma “relação contratual”. Era uma forma de fazer a guerra muito empregada no período

em diversas partes da América do Sul e um conhecimento que os caudilhos e montoneros na América hispânica dominavam perfeitamente (DE LA FUENTE, 2014; RABINOVICH; 2018).

Por outro lado, a participação destes indivíduos nos conflitos platinos⁴ ao longo do século XIX, pelas experiências vividas na Guarda Nacional⁵ e pela vivência em uma região com diversas características econômicas, culturais, sociais, políticas e que compartiam de um *ethos* comum, proporcionou-lhes a criação de um espaço de experiência (KOSELLECK, 2006). Ao falar sobre as experiências militares e as identidades sociais e políticas no espaço platino, partimos das reflexões realizadas por Ana Frega (2015), que nos permitiu estabelecer uma relação com o caso da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. Nossa relação concerne ao desafio que seria manter seus soldados engajados e a adesão dos colaboradores da Revolução, envolvia uma relação contratual, especialmente quando a organização destas forças não envolvia uma relação com o Estado (FREGA, 2015, p. 26), necessitando, portanto, atender aos interesses dos diversos envolvidos no conflito como parte da liderança que fosse efetiva.

Atender os interesses de quem o seguia, envolvia a necessidade de ser eficiente na solução das demandas e necessidades daqueles que o seguiriam, e pode ser entendida como parte de uma relação de trocas e proteção, expressa uma relação entre patrão-cliente, uma forma de garantir o apoio e lealdade daqueles que o seguissem e estava entre as expectativas (DE LA FUENTE, 2014). O ato de atender aos pedidos que lhe eram feitos, envolve a ideia de troca, uma capacidade retributiva e também envolve questões simbólicas, torna-se um eficiente mecanismo capaz de passar uma ideia de proximidade entre os correspondentes, um apelo a questões subjetivas dos que o seguiam poderiam gerar admiração e solidariedades (DE LA FUENTE, 2014). Tal situação em que seus seguidores demandavam pedidos aqueles a quem seguiam, pode ser observada através da carta enviada por Plínio do Amaral ao General Joca Tavares em 24 de maio de 1894

Amigo, chefe e **padrinho** General Tavares. Saúdo a Vossa Excelência desejando-lhe ao inteiro reestabelecimento. É portador desta o nosso bom amigo Major Alfredo Cattalundo, que tem-nos prestado, na fronteira, bons serviços de policiamento [ilegível] desde nossa estância na Carpintaria até o Aceguá. Rogo-lhe de atitude com seu prestígio de nosso chefe, ordenando a continuação dos serviços de Cattalundo, junto a nós, e favorecendo-o com algum pessoal, pois ele por sua sorte [...] (ANDRADE, 2017, p. 113, grifo nosso).

⁴ Em exemplo dessa participação em conflitos platinos, citamos a participação do General Joca Tavares na Revolução Farroupilha, na Guerra de 1851, na campanha de Montevidéu em 1864 e na Guerra do Paraguai. Muitos dos líderes federalistas também participaram de diversos destes conflitos ocorridos durante o século XIX.

⁵ Para André Fértig (2010) a atuação na Guarda Nacional durante a segunda metade do século XIX no Brasil envolvia tarefas desde recrutar homens, mas também como importante espaço para a prática clientelística e peça importante no jogo político do período. Isso devia-se, segundo este autor, ao fato de que os coronéis da Guarda Nacional tinham, sob sua jurisdição de comando, as tropas da Guarda Nacional de outras cidades, que lhes possibilitavam realizar a “cooptação de homens que poderiam ser seus clientes” (p. 106).

Por outro lado, a partir dessa carta é possível constatar a presença de relações de compadrio entre remetente e destinatário, e pode ajudar a pensar questões desde a natureza dos vínculos de proximidade existentes entre os envolvidos, revelam muito sobre a cultura política deste período. Para Giovanni Levi (2000) o estabelecimento de relações de compadrio servia para que essa elite mantivesse o poder e poderia ter diversas finalidades. Por exemplo, quando fossem estabelecidas de uma forma horizontal – entre indivíduos do mesmo grupo social – representaria possibilidades de criar ou solidificar alianças existentes e quando realizadas de uma forma vertical, criaria vínculos clientelísticos. Ainda de acordo com Levi (2000), ser padrinho envolvia elementos simbólicos que uma ampla atuação que poderia ser desde conceder benefícios econômicos, proteção ou prestígio, todos estes.

Ao explicitar a existência de relações de compadrio nas correspondências, pede-se pensar a questão do recrutamento de homens para a causa federalista. Isso poderia ser favorecido devido a própria atividade dos federalistas envolvidos no conflito e a natureza de suas atividades, principalmente pelo fato de que muitos dos líderes federalistas possuíam propriedades rurais, ligados a atividades charqueadoras, possuíam estabelecimentos comerciais, desempenham atividades beneficentes e políticas em suas localidades, o que favoreceria a existência de largas redes de relações tanto verticais quanto horizontais, mobilizando um grupo que poderia ser desde amigos, parentes, sócios em negócios, até peões, agregados, protegidos, correligionários políticos, mobilizando-os de acordo com suas estratégias (ANDRADE, 2017).

Isso não quer dizer que ser afiliado de alguém poderia gerar solidariedades automáticas e excluir a possibilidade de conflitos (MITCHELL, 1974), mas poderia ser importante elo em uma sociedade que o conceito de família estendida que se tinha durante o século XIX que, se acordo com Richard Graham, iria além dos laços consanguíneos e abrangia os vínculos gerados pela prática do compadrio, segundo os quais “[...] ser padrinho, afilhado, compadre ou comadre no Brasil [...] implicavam obrigações mútuas de ajuda nas eleições ou na garantia de cargos no governo [...]” (1997, p. 37).

Entretanto, conforme também afirmam Jonas Vargas e Luís Augusto Farinatti (2014) em seu artigo no qual realizam uma análise de redes de relações sociais a partir procurando compreender a conformação do poder no âmbito local e regional, a partir da qual analisam as redes de compadrio estabelecidas por estas elites, cita Bertrand Mitchell (1974) para alertar que o estabelecimento de alianças entre os personagens não deve ser entendido como automatizado, pois “[...] se as relações parentais envolvem um potencial agregador, elas também carregam o germe de conflitos que muitas vezes rompem solidariedades” (MITCHELL, 1974 apud FARINATTI; VARGAS, 2014, p. 392).

A presença de relações horizontais pode revelar sobre a capacidade de recrutamento desses líderes, uma vez que envolvia a participação de familiares, amigos, chefes políticos de localidades que possuíam poder de recrutar⁶ outros homens. Um caso que pode ser citado como exemplo, refere-se ao General federalista José Maria Guerreiro Victória, ex-membro da Guarda Nacional, antigo chefe político conservador e membro do partido federalista da cidade do Herval, era parente de Joca Tavares. Isso permite pensar a capacidade de permeabilidade destas relações em diversos níveis e em outras localidades, nas quais os federalistas, com suas redes, poderiam ativá-las e assim por diante, prática também destacada por Valentina Ayrolo (2012) para pensar a atuação de caudilhos no Rio da Prata no período pós independências. Essa forma de mobilização pode ser observada através de um telegrama enviado por um indivíduo de nome Ávila, da localidade de Pedras Altas, ao General Tavares, com data de 13 de fevereiro de 1892, através do qual afirma possuir “600 homens reunidos, espero ordens, hoje em Cacimbinhas para onde sigo” (ANDRADE, 2017, p. 123-123).

A soma destes contingentes líderes federalistas das diversas localidades poderia chegar a mobilização de grandes efetivos, fatos possíveis de se observar nos grandes confrontos entre federalistas e legalistas, tais como, o cerco de Bagé, evento no qual a guarnição desta cidade esteve por 46 dias sitiada por uma força de cerca de 3000 federalistas (BENTO, 1993, p. 70; ANDRADE, 2014), e na batalha do Inhanduí, próxima a cidade de Alegrete, no qual estavam reunidos seis mil federalistas (AXT, 2018, p. 121). Mobilizar um contingente dessa magnitude requer grande capacidade logística, envolvia prever riscos e ser cauteloso; prover, mantê-los e protegê-los enquanto estivessem sob suas ordens, criava laços de confiança e admiração da parte de seus seguidores e fazia parte de uma lógica clientelística de manter os homens em armas (DE LA FUENTE, 2014).

Todas estas características apontadas até o momento, evidenciadas pelas correspondências, e a qualidade das relações de poder existentes entre o General Tavares e as lideranças e forças revolucionárias federalistas, que podem ser entendidas como sendo caudilhistas. A partir de alguns trabalhos que pensam a questão do caudilhismo em diferentes localidades no espaço platino, dentre os quais estão os trabalhos de Valentina Ayrolo (2012), Ariel de La Fuente (2014) e Ana Frega (2015) e embora em temporalidades distintas, o

⁶ Acerca desta questão do recrutamento, importante análise foi realizada por John Chasteen (2003) sobre o caudilhismo, estudando os casos de Gumercindo e Aparício Saraiva, mas também sobre o contexto em que atuaram durante a Revolução Federalista de 1893 e sobre a região do Prata. Nesta obra o autor também analisa os elementos que faziam parte desta atuação caudilhista enquanto um fenômeno social e busca compreender os motivos que faziam com que estes caudilhos fossem seguidos por levadas de homens, quais os possíveis mecanismos e estratégias que utilizavam para manter esses homens lutando em suas forças durante a Revolução.

descrevem com características muito semelhantes às que ocorriam no Rio Grande do Sul durante a Revolução Federalista. Os caudilhos podem ser entendidos como personagens que surgem no Prata no período das revoluções de independências e passam a ser gradualmente cooptados pelos Estados em formação para lutar por suas causas (BUCHBINDER, 2004, p. 78), muitos dos quais estiveram envolvidos em lutas por autonomia de suas localidades em disputas que envolviam centralistas e federalistas (CHIARAMONTE, 1991).

Para o caso histórico do Rio Grande do Sul, de acordo com Fernando Uricochea (1978) o caudilhismo teria surgido ainda no período colonial, em um contexto de expansão e defesa das fronteiras luso-brasileiras, o qual necessitava de homens prontos para defenderem tais conquistas, suprindo as lacunas deixadas pelo aparato real. Enquanto para Loiva Félix (1996), o processo que marca o surgimento do caudilhismo no Rio Grande do Sul estaria associado a sua origem agropastoril, uma vez que estes caudilhos que lutaram nestas conflitos de expansão das fronteiras, foram adquirindo propriedades rurais, ocupados na defesa destes espaço conquistado, passaram a ser gradualmente cooptados por um Estado ainda sem aparato burocrático e militar organizado. Isso os teria convertido em representantes da burocracia do Estado nessas localidades e transformando-os em Coronéis do Império, ligados ao poder central, envolveria uma relação de lealdade à coroa, defesa das fronteiras e defesa mútua dos interesses em troca de benefícios (FELIX, 1996, p. 38-68).

Entretanto, quanto a atuação dos caudilhos neste espaço platino, eram sujeitos que possuíam expertise em redes, dominavam as informações que por ela circulavam, eram capazes de oferecer bens ou serviços materiais ou simbólicos, geralmente tinham experiência militar, possuíam características capazes de gerar admiração naqueles que os seguiam, com quem mantinham vínculos pautados na lealdade e por relações de âmbito clientelísticas (SAFFORD, 1991; GOLDMAN; SALVATORE, 1998; FREGA, 2002; CHASTEEN, 2003; AYROLO, 2012; DE LA FUENTE, 2014). Nesse sentido, a própria capacidade percebida nas correspondências do General Tavares de mobilizar e articular outras lideranças menores de outras localidades – em grande parte antigos membros da Guarda Nacional – em torno de um objetivo, envolvia constante negociação de benefícios com estes chefes políticos e militares menores, vem ao encontro de práticas caudilhistas descrita por Valentina Ayrolo (2012) ao descrever que estes indivíduos “tinham um rede de subalternos, líderes locais, reproduziam em pequena escala de seu território a liderança do caudilho principal [...] sua intervenção foi fundamental para mobilizar homens de seu territórios [...]” (AYROLO, 2012, p. 8).

Isso possibilita compreender que tal prática social não era um fenômeno restrito apenas aos países hispânicos, essa lógica de fazer a guerra, de reunir homens e organizar forças

militares dão conta de um fenômeno que se manifestou de diversas formas na América Latina e especialmente neste espaço platino do qual o Rio Grande do Sul faz parte. Permite pensar que a mentalidade fronteiriça das lideranças militares e políticas federalistas, possuem um *ethos* que os aproxima do mundo hispano.

Para o caso da Revolução Federalista e pensar a atuação das lideranças federalistas neste espaço fronteiriço, a territorialização do espaço para além das fronteiras dos Estados, o manejo das soberanias destes Estados pelos revolucionários, bem como o apoio e participação de personagens de diversas localidades, constituem parte das diversas características compartilhadas nesse espaço e que permitem pensar a existência de uma identidade em comum às populações nesse espaço durante o século XIX, capaz de criar solidariedades que ultrapassava fronteiras políticas e a lógica das nacionalidades dos Estados Nacionais (CAPDEVILA, 2014 ; ETCHECURY, 2017; 2019).

Era uma região que compartilhava características diversas, desde as culturais, as estruturas de produção econômica semelhantes, formas de organização social e de estabelecer vínculos, sociedade agropastoris e até certo ponto ligadas a uma cultura bélica, presente nas relações e forma de fazer a guerra neste espaço. Isso vem ao encontro da proposta de uma fronteira pensada a partir dos indivíduos desenvolvida por Pablo Dobke (2015), para quem a fronteira está nos indivíduos e na sua capacidade de territorializar um espaço por meio de suas relações de poder. Deste modo, envolvia a necessidade de estabelecer alianças para além das fronteiras políticas, as quais assumiam uma posição central e estratégica durante os conflitos e também para seus negócios em tempos de paz, que poderia criar vínculos, solidariedades em regras não escritas, tácitas, que deveria pautar estas relações, tais como, dar abrigo e proteção quando um amigo do outro lado da fronteira necessitasse de auxílio, envolvendo inclusive apoio em armas.

Considerações finais

Dessa forma, procurou-se neste trabalho destacar o potencial das correspondências para compreender a atuação dos personagens, permitem identificar redes de relações e as formas de relações de poder existentes, também são importantes elementos para compreender os indivíduos e sua relação com o espaço no qual atuavam e as características culturais partes da cultura política e de uma sociedade do final do século XIX.

Buscou-se evidenciar o papel e importância da informação durante o conflito, bem como analisar os vínculos e a natureza destes vínculos entre os envolvidos no ato epistolar, o quanto foram importantes para mobilizar homens e recursos para os recursos durante a Revolução.

Dado seu caráter anacrônicos, cartas e telegramas são documentos são portadores de particularidades, a partir das quais é possível perceber elementos sob sua constituição, envio, recebimento, preservação, que tinham normas e um sentido funcional para um período histórico e, portanto, elementos que requerem cuidados maiores acerca dos usos e dos sentidos para um contexto de conflito.

Trata-se de documentos de um período de guerra civil que envolvia todo um universo conhecimentos que precisaria ser utilizado para organizar, pensar e fazer a guerra nesse período e também fazer movimentar uma estrutura de poder, das quais as cartas são importantes engrenagens que articulava e movimentava homens e ideias.

Práticas comuns a uma época e representações que possuem um valor simbólico, repletos de sentidos presentes que permitem compreender o quanto a história política pode também auxiliar a pensar as sociedades e as forças em armas, através das relações de poder, das formas de negociação, resistências, conflitos, questões simbólicas, mediações que envolviam organizar e manter soldados em armas nesse período.

São documentos que permitem compreender o forte envolvimento familiar e presença de relações simétricas e assimétricas de clientelismo e compadrio, relevadoras de uma forma de pensar e agir características que permeavam a ação e a mentalidade dos indivíduos, inclusive na política e na guerra, como características para se pensar um espaço fronteiriço platino.

Referências

ALEIXO, José Carlos Brandi; KRAMER, Paulo. 2010. “Os analfabetos e o voto: da conquista da alistabilidade ao desafio da elegibilidade”. *Senatus*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 68-79. ISSN 1678-2322.

ANDRADE, Gustavo Figueira. 2017. A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): família, comunicação e fronteira. Dissertação (Mestrado História). Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em História, UFSM. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12329/DIS_PPGHISTORIA_2017_ANDRADE_GUSTAVO.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 2 nov. 2019.

ANDRADE, Gustavo Figueira. 2014. Memórias e conflitos: a Divisão do Sul e o levantamento do cerco a Bagé durante a Revolução Federalista de 1893. Monografia (Conclusão de Curso). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ARENDDT, Hannah. 1994. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume Dumará. ISBN 9788420675855.

- ARRIOLA, A. T. 2008. “Propuesta de definición histórica para región”. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Ciudad de Mexico, n. 35, p. 181-204. ISSN 0185-2620.
- AXT, G.; COSTA, M. C. (Org.). 2009. *Diários e correspondências do Almirante Saldanha da Gama*. Porto Alegre: Sulina. ISBN: 978-85-205-0519-9.
- AXT, Gunter. 2018. “A Revolução Federalista (1893-1895): guerra civil no Brasil”. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a. 178(477), p. 107-135. ISSN 0101-4366.
- BERTRAND, M. 1999. “De la familia a la red de solidariedade”. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 61, n. 2, p. 108-135. ISSN 0188-2503.
- BOSSEVAIN, Jeremy. 2001. “Manipolatori sociali: mediatori come imprenditori”. In: PISELLI, Fortunata. *Reti l'analisi di network nelle scienze social*. Roma: Editore Donzelli, p. 251-270. ISBN 8879896121.
- BOURDIEU, Pierre. 1998. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand. ISBN 972-29-0014-5.
- BUCHBINDER, P. 1998. “Caudillos y caudillismo: uma perspectiva historiográfica”. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. (Org.). *Caudillismos Rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, p. 31-50. ISBN 9789502314099.
- CAPDEVILA, Luc. 2014. “La contienda de la Triple Alianza, periferias e identidades colectivas: Guerra, Estado y nación en América austral en la década de 1860. In: PALACIOS, Guillermo; PANI BANO Erika Gabriela (Coord.). *El poder y la sangre: Guerra, Estado y Nación en la década de 1860*. Ciudad de México: El Colegio de México, p. 199-218.
- CARVALHO, José Murilo. 1999. “Dimensiones de la ciudadanía em el Brasil del Siglo XIX”. In: SÁBATO, Hilda (Coord.). *Ciudadanía política y formación de las naciones. Perspectivas históricas de América Latina*. México: FCE, COLMEX, FHA, p. 321-344. ISBN 968-16-5147-2.
- CHASTEEN, J. 2003. *Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Porto Alegre: Movimento. ISBN. 9788571950177.
- CHIARAMONTE, J. C. 1992. “La cuestión regional en el proceso de gestación del estado nacional argentino”. In: CHIARAMONTE, J. C. *Mercaderes del Litoral: economía y sociedad en la provincia de Corrientes, primera mitad del siglo XIX*. Buenos Aires: FCE, p. 21-54. ISBN 9789505571208.
- CLASSEN, Débora. 2019. *Família, guerra, política, negócios e fronteira: Os Antunes Maciel desde o século XVIII aos inícios do século XX*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS.
- COSTA Marcus Vinicius. 2006. *A Revolução Federalista de (1893-1895): o contexto platino, as redes, os discursos e os projetos políticos Liberal-Federalistas*. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

- DE LA FUENTE, Ariel. 2014. *Los hijos de Facundo: caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del Estado nacional argentino (1853-1870)*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros. ISBN.9789875746336.
- DOBKE, Pablo Rodrigues. 2015. *Caudilhismo, território e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 132 p.
- DOBKE, Pablo Rodrigues; ANDRADE, Gustavo Figueira. 2015. “Nós federalistas somos os senhores da fronteira: relações sociais de poder e territorialização durante a Revolução Federalista (1893-95) no Rio Grande do Sul”. In: *Anais do III Congresso Internacional de História Regional : Caderno de resumos [recurso eletrônico] / Organização de Adelar Heinsfeld e Ana Luiza Setti Reckziegel* – Passo Fundo: UPF.
- DOLHINKOFF, Miriam. 2005. *O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX*. Porto Alegre: Editora Globo. ISBN. 8525040398.
- ETCHETCHURY, Mario Barrera. 2019. “De compañeros de armas a ‘suizos vendidos’. Las alternativas de la inmigración político-militar argentina em el Estado Oriental del Uruguay (1838-1846)”. *Quinto Sol*, v. 23, n. 1, p. 1-21. ISSN 1851-2879.
- ETCHETCHURY, Mario Barrera. 2017. “Aventureros, emigrados y cosmopolitas. Hacia una historia global de las guerras en el Río de la Plata (1836-1852)”. *PolHis*. n. 20, p. 1-52. ISSN 1853-7723.
- FARINATTI, Luís Augusto; VARGAS, Jonas Moreira. 2014. “Elites regionais, guerra e compadrio: a família Ribeiro de Almeida e suas redes de relações (Rio Grande do Sul, c. 1816-c. 1844)”. *Topoi. Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 389-413.
- FÉLIX, L. O. 1996. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS. ISBN 9788570253972.
- FÉRTIG, André. 2010. *Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional da Província no Rio Grande do Sul na defesa do Império do Brasil (1850-1873)*. Santa Maria: Editora da UFSM. ISBN 9788573911299.
- FLORES, Élio Chaves. 1995. *Juca Tigre e o caudilhismo maragato: poder, tempo e memória*. Porto Alegre: Martins Livreiro. ISBN 85-86232-13-0.
- FRANCO, Sérgio da Costa. 2012. *A Guerra Civil de 1893*. 2. ed. ampl. Porto Alegre: Edigal. ISBN 9788581310121.
- FREGA, Ana. 2002. “Caudillos y montoneras en la revolución radical artiguista”. *Andes, Salta*, n. 13, p. 1-27. ISSN 1668-8090.
- FREGA, Ana. 2015. “Apuntes sobre la experiencia militar em la definición de identidades sociales y políticas”. In: BRUNO, M. et al. *Los Orientales em armas: estudos sobre la experiencia militar em la revolución artiguista*. Montevideo: Universidad de la República, p. 17-27. ISBN 9788484033318.

GALVÃO, Walnice. N.; GOTLIB, N. B. (Orgs.). 2000. *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN 9788535900378.

GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. (Orgs.). 1998. *Caudillismos Rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba. ISBN 9789502314099.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). 2000. *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV. ISBN 9788522511235.

GOMES, Ângela de Castro. 2004. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV. ISBN 9788522511082.

GRAHAM, R. 1997. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Tradução de Celina Brandt. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. ISBN: 8571081557.

IMÍZCOZ, José Maria. 2011. “Redes sociales y correspondencia epistolar: del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas”. *Redes*, Barcelona, v. 21, n. 4, p. 98-137. ISSN: 1579-0185.

KOSELLECK, Reinhart. 2014. “Estratos do tempo: estudos sobre história”. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUCRJ. ISBN 9788578660994.

KOSELLECK, Reinhart. 2006. “Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos”. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUCRJ. ISBN 9788585910839.

LANDÉ, Carl. H. 1977. “A Base Diádica do Clientelismo”. In: SCHIMIDT; S. W. et al. *Friends, followers and factions*. Berkeley: University of Califórnia Press, p. 13-38.

LEVI, Giovanni. 2000. “A herança imaterial”. *Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. ISBN 9788520004975

LOPEZ, R. A. 2005. *Coração de caudilho: história real de Gumersindo Saraiva na Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro. ISBN 9788575370452.

MALATIAN, Tereza. 2013. “Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. 1. ed. São Paulo: Contexto, p. 195-222. ISBN 9788572444514.

MARTINY, Carina. 2018. “O chefe político dos mais avançados republicanos”: Júlio de Castilhos e o processo de construção da República (1882-1903). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS.

MEDEIROS, L. 1995. *A pacificação da Revolução de 93*. Porto Alegre: La Salle.

MITCHELL, J. Clyde. 1974. *Social Networks*, *Annual Review of Anthropology*. v.3, p.279-299. ISSN 1545-4290,1545-4290

MITCHELL, J. Clyde. *Social Networks*, *Annual Review of Anthropology*. v.3, p.279-299, 1974. APUD. FARINATTI, Luís Augusto; VARGAS, Jonas Moreira. *Elites regionais, guerra e compadrio: a família Ribeiro de Almeida e suas redes de relações* (Rio Grande do

Sul, c. 1816-c. 1844). Topoi. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 389-413, jul./dez. 2014. ISSN 2237-101x.

MORITZ, Gustavo. 2005. Acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul: parte I e II. Organização de Gunter Axt et al. Porto Alegre: Procuradoria-Geral da Justiça, Projeto Memória. ISBN 9788588802100.

PADOIN, Maria Medianeira. 1999. O federalismo no espaço fronteiriço platino. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PORTO ALEGRE, Aquilles. 1917. Homens Ilustres do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Selbach.

RABINOVICH, Alejandro; MCEVOY, Carmen (Editores). 2018. Tiempo de guerra: Estado, nación y conflicto armado en el Perú, siglos XVII-XIX. Lima: Instituto de Estudios Peruanos. ISBN 9788491047995. ISBN 978-9972-51-699-3.

REVERBEL, Carlos Eduardo Dieder. 2014. A revolução federalista e o ideário parlamentarista. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-21012015-085452/pt-br.php>. Acesso em: 25 mai. 2018.

ROUSTON JUNIOR, Eduardo. 2016. O Partido Federalista na Primeira República brasileira: imprensa e discursos parlamentares. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ROSSATO, Monica. 2014. Relações de poder na região fronteiriça platina: família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 163 p.

ROSSATO, Monica; PADOIN, Maria Medianeira. 2016. “A trajetória de Gaspar Silveira Martins: relações de poder entre a região fronteiriça platina e a Europa”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ano 96, n. 151, p. 139-159.

SACCOL, Tassiana Maria Parciannelo. 2013. Um propagandista da República: política, letras e família na trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (década de 1880). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2455/1/447097.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2019.

SAFFORD, F. 1991. “Politica, Ideologia y Sociedad”. In: BETHEL, L. (Coord.). Historia de America Latina: América latina independiente, 1820-1870. v. 6, p. 42-104. ISBN 9789876292139.

SILVA, Matheus Luís. 2015. “Trajetória e atuação política de Antônio de Souza Netto (1835-1866)”. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, 111p.

SOUZA, Marcelo Lopes. ISBN: 85-286-0545-0. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: “Geografia: conceitos e temas”. CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand, p.16-47. ISBN 9788528605457.

TAVARES, João Nunes da Silva. 2004. Diário da Revolução Federalista de 1893. Corálio Bragança Pardo Cabeda, Gunter Axt e Ricardo Vaz Seeling (Org.). Porto Alegre: Procuradoria Geral de Justiça, Projeto Memória, Tomo II. ISBN 8588802066.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. 1995. A História Militar e a Historiografia Contemporânea. A Defesa Nacional. n. 768, p. 83-96. ISSN 0011-7641.

URICOCHEA, F. 1978. “O minotauro imperial”. São Paulo: DIFEL. ISBN 8528602540.

FONTES DOCUMENTAIS

AZAMBUJA, Bernardino. 9 mar. 1895, Caimbinhas. [para] TAVARES, João Nunes da Silva. Bagé, 1 folha. Carta em que comunica atividades desenvolvidas e assuntos militares durante a Revolução, na qual permite ver exemplo de uma relação formal. Acervo Particular da senhora Yara Maria Botelho Vieira, Bagé, RS. Transcrição de Gustavo F. Andrade, 2019.

VICTÓRIA, José Maria Guerreiro. [Carta] 11 mar. 1895, Herval. [para] TAVARES, José Bonifácio da Silva. Bagé, 2 folhas. Carta em que trata de assuntos diversos sobre a Revolução e através da qual pode-se perceber os vínculos de parentescos. Acervo Particular da senhora Yara Maria Botelho Vieira, Bagé, RS. Transcrição de Gustavo F. Andrade, 2019.